

Contribuições de base geográfica cultural para o estudo do turismo em comunidades locais

Geographical-cultural contributions to the study of tourism in local communities

Leticia Bartoszeck Nitsche (NITSCHÉ, L. B.)^{*} e
Miguel Bahl (BAHL, M.)^{**}

RESUMO - Levando em conta a problemática que se coloca a respeito do turismo com seus efeitos sobre as comunidades e sua cultura, o presente trabalho¹ tem o objetivo de identificar possíveis contribuições da geografia cultural que possam ser discutidas no estudo do turismo. Desta forma, busca-se colaborar com a construção de um referencial teórico-prático que possa orientar novas pesquisas sobre as transformações do turismo em relação às comunidades locais. A metodologia da pesquisa é a bibliográfica, para a qual foram investigadas referências da área da geografia cultural, geografia humanista, representações em geografia, e sobre a área de conhecimento do turismo na sua interface epistemológica. Os resultados preliminares da pesquisa apresentam algumas reflexões que buscam elucidar a discussão epistemológica inerente ao turismo e a abertura para outras correntes de pensamento científico como a fenomenológica, que por sua vez, surge também no referencial epistemológico da geografia cultural, sendo apontada neste artigo como um elo comum entre as análises aqui pretendidas. Num segundo momento, expõem-se aspectos sobre a trajetória da geografia cultural com suas correntes teóricas e metodológicas, e em seguida, se iniciam as reflexões sobre as possíveis contribuições desta vertente geográfica para as pesquisas em turismo. A contribuição da geografia cultural para este trabalho aponta o aprofundamento para o enfoque humanista de base fenomenológica e seus desdobramentos nos estudos sobre a percepção dos moradores de locais receptores de turistas, em relação ao seu espaço de vivência.

Palavras-chave: Turismo; Geografia Cultural; Fenomenologia; Comunidade Local.

ABSTRACT - Considering the discussion about the effects of tourism upon communities and their local culture, this study has as its main goal to identify possible contributions of cultural geography. This issue may be discussed academically in tourism studies, and in doing so contributing with both theoretical and practical reference to future researches about tourism transformation on local communities. The research methodology was based upon bibliography on cultural geography, humanistic geography, geography representations, and on the area of tourism knowledge in its epistemological interface. The preliminary results present studies that try to clarify the

* Universidade Federal do Paraná. E-mail: lticia@gmail.com

** Universidade Federal do Paraná. E-mail: migbahl@gmail.com

¹ Trabalho que recebeu Menção honrosa atribuída pelas avaliações da Comissão Científica do XI Seminário Internacional de Turismo (Trabalho de pós-graduação), realizado em 2009 pela Universidade Positivo e Observatório de Turismo do Paraná. Apresentado e publicado nos anais do evento, conforme segue: NITSCHÉ, L. B.; BAHL, M. Contribuições de base geográfica cultural para o estudo do turismo em comunidades locais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO, 11, 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: OBSTUR/UFPR: UNIVERSIDADE POSITIVO, 2009. 1 CD-ROM.

epistemological discussion inherent to tourism as well as the opening to other currents of scientific thought such as the phenomenology, which appears also in the epistemological references of cultural geography and will be the common link to the analyses hereby planned. In second instance, some aspects of the development path of cultural geography studies and its theoretical and methodological currents are presented; afterwards reflections about possible contributions of the geographical dimension to the study of tourism. The contribution of cultural geography to this paper signals the need of emphasizing the studies of humanistic phenomenological basis and its developments in the researches on the perceptions of residents of places where tourists are received, in relation to their living spaces.

Key words: Tourism; Cultural Geography; Phenomenology; Local Community.

1 INTRODUÇÃO

As reflexões deste artigo partem do princípio que o turismo lida, essencialmente, com lugares e pessoas. Pessoas que se deslocam dos seus lugares de moradia empreendendo viagens para visitar outros lugares. Lugares, estes, também habitados por outras pessoas que neles vivem e moram. Ou seja, A motivação destas viagens, seja ela qual for, resulta na figura do turista chegando e circulando em outro lugar diferente do de sua moradia.

Isto implica em dizer que o turista, no ato de viajar, conhece um ambiente diferente do seu onde permanece e transita temporariamente, ao tempo que o morador da comunidade receptora passa a ter o seu espaço de vivência compartilhado e, por vezes, modificado pela presença dos turistas.

Nesta perspectiva que envolve moradores e turistas, evidencia-se uma maior possibilidade de vulnerabilidade cultural dos moradores locais, incluindo seu patrimônio cultural (material e imaterial), sua história, identidade e modo de vida. Além disso, muitas vezes a população, ao ser considerada apenas como componente do ‘objeto’ de planejamento turístico, não participa deste processo e ainda desconhece os efeitos que o turismo pode gerar no seu ambiente de vivência.

Alinhando-se a esses aspectos, as questões que aferem aos problemas ligados à cultura também são discutidas no campo do turismo e recebem contribuições de outras áreas do conhecimento como a geografia, a sociologia, a antropologia, a história, com ênfase nos impactos provocados pelo turismo nas sociedades e no meio ambiente.

Banducci Júnior e Barretto (2001, p. 10) observam que o *trade* turístico, em princípio, não acompanha os resultados dos estudos provenientes da geografia e da antropologia:

[...] dado que eles evidenciam a forma irresponsável como alguns empresários de turismo vêm tratando o meio ambiente natural e cultural assim como explorando economicamente os turistas – não raro por meio de propaganda enganosa e superfaturamento dos serviços.

Dentre as contribuições de diversas ciências para a realização das pesquisas em turismo, neste artigo enfoca-se sobre a participação de uma vertente geográfica ligada aos aspectos culturais, a Geografia Cultural, a qual também estabelece interfaces com

outras áreas do conhecimento como a filosofia, a sociologia, a antropologia, as artes, a lingüística, entre outras.

A Geografia Cultural, na sua vertente fenomenológica humanista considera que um espaço, quando vivido, passa a ser entendido sob o termo ‘lugar’, onde se estabelece uma relação de afetividade entre as pessoas e os lugares. Assim, compreende-se que o espaço visitado, objeto das ações de planejamento turístico, é o mesmo espaço que também é vivido por uma comunidade.

Levando em conta a problemática que se coloca a respeito do turismo com seus efeitos sobre as comunidades e sua cultura, o presente trabalho tem o propósito de identificar as possíveis contribuições da geografia cultural que possam ser discutidas no campo do estudo do turismo, buscando colaborar com novas pesquisas sobre as transformações do turismo em relação às comunidades locais.

Primeiramente, apresentam-se alguns estudos que buscam elucidar a discussão epistemológica inerente ao turismo e a abertura para outras correntes de pensamento científico como a fenomenológica, que por sua vez, surge também no referencial epistemológico da geografia cultural, sendo apontada neste artigo como um elo comum entre as análises aqui pretendidas.

Num segundo momento, expõem-se aspectos sobre a trajetória da Geografia Cultural com suas correntes teóricas e metodológicas, e em seguida, se iniciam as reflexões sobre as possíveis contribuições desta vertente geográfica para o estudo do turismo.

O desenvolvimento da pesquisa, com base em Gil (1999, p. 65) e Dencker (2007, p. 57-60), tem como principal delineamento a forma de coleta de dados por intermédio das chamadas ‘fontes de papel’, com pesquisa bibliográfica, onde a pesquisa é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente por livros, revistas científicas, anais de eventos científicos e trabalhos acadêmicos.

Neste artigo, apresentam-se os resultados preliminares da primeira etapa de uma pesquisa mais ampla onde foram consultadas fontes bibliográficas referentes à Geografia Cultural, Geografia Humanista, Representações em Geografia, e sobre a área de conhecimento do Turismo na sua interface epistemológica.

Em uma próxima etapa de pesquisa, serão analisadas dissertações e teses de programas de Pós-graduação de Turismo, Geografia e Ciências Sociais, buscando

analisar a produção científica acadêmica sobre a percepção das comunidades locais em relação ao turismo.

2 INVESTIGAÇÕES SOBRE O TURISMO

Para melhor orientar o raciocínio a respeito de apontar as possíveis contribuições advindas de outra área do conhecimento como a geografia, considerou-se ser fundamental tecer comentários sobre algumas das principais abordagens teóricas que orientam as linhas de abordagem das pesquisas em turismo.

Tendo como foco o atendimento do turista, observa-se que a atividade turística em si, economicamente viável, depende de um conjunto de infraestruturas diversas, equipamentos, instalações, serviços e de gestores do processo que interajam de forma sistemática para garantir o seu funcionamento. Demanda, oferta, mercado e atrativos turísticos são alguns dos principais termos técnicos comumente usados para tratar teoricamente o turismo, o que tem acontecido frequentemente sob uma visão proveniente da Teoria Geral de Sistemas, intitulada Sistema de Turismo – Sistor.

Procurando traçar um paralelo entre o turismo como fenômeno inter-relacionado com lugares e pessoas, e, o reconhecimento de teorias do turismo focadas em uma visão de produtos turísticos, como a sistêmica, observa-se que tais teorias procuram ordenar e descrever as relações entre os elementos do turismo de modo lógico e abrangente, porém com impessoalidade, pois se preocupam eminentemente com os fatos, ignorando o sentido deles para as pessoas envolvidas (principalmente moradores, prestadores de serviços e turistas).

A demanda turística² é tratada de tal forma que parece uma entidade independente, mas não se pode esquecer que ela é composta de pessoas. A oferta turística³ é manipulada pela superestrutura (Governo, entidades de classe e organizações

² Demanda turística - refere-se aos turistas que visitam uma região, país, zona, centro turístico ou atrativo. É quantificada e analisada conforme seu perfil, preferências, e, na sua relação com os centros receptores pode ser identificada como real, potencial, futura, histórica, entre outras classificações. Fonte: adaptado de Boullón, 2002, p. 39-41.

³ Oferta turística – “é o conjunto de bens e serviços oriundos da estrutura de atrativos, utilidade pública, geral e turística de uma localidade que, combinados de diferentes maneiras, permitem conformar produtos turísticos” (BAHL, 2004, p. 32).

não governamentais) e pelos empresários como se fosse um objeto de consumo, mas ao ser constituída de bens e serviços, é preciso lembrar que estes bens pertencem a alguém, são mantidos, preservados, construídos de acordo com a vontade de pessoas. Quanto aos serviços turísticos (hospedagem, alimentação, agenciamento, transporte, para eventos, de lazer etc.), não existem sem as pessoas que os realizam ou deles usufruem, além de estarem condicionados aos seus comportamentos, sentimentos, cultura e contexto social.

Já o produto turístico possui uma conotação econômica, considerado basicamente como um bem de consumo, conforme observado em Boullón (2002, p. 45):

Embora seja verdade que, do ponto de vista econômico, a oferta turística não pode ser outra coisa senão um bem ou um serviço, traduzir textualmente este conceito leva-nos a deduzir que o produto turístico é formado pelos mesmos bens e serviços que fazem parte da oferta.

Porém, há que se destacar que a composição deste tipo de produto depende, sobremaneira, das ações humanas para existir, principalmente das comunidades diretamente vinculadas aos atrativos turísticos, estes últimos, considerados por Boullón (2002, p. 67) como matéria-prima do turismo.

Observações similares podem ser feitas em relação aos conceitos de atrativo turístico e destino turístico provenientes do referencial acadêmico, também reconhecidos pelo Ministério do Turismo. O atrativo turístico, visto como “local, objeto, equipamento, pessoa, fenômeno, evento ou manifestação capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los” (BRASIL, 2005, p. 3), e, o destino turístico, definido como “local, cidade, região, ou país, para onde se movimentam os fluxos turísticos” (BRASIL, 2005, p. 3), têm como referência a figura do turista, deixando uma lacuna em relação à participação das comunidades dos locais receptores.

Estes dois últimos conceitos partem da perspectiva do turista que viaja para consumir um produto e é atendido por prestadores de serviços, porém há que se pensar nos atrativos e destinos como lugares onde também vivem pessoas e que dependem deste fator humano para efetivamente se constituírem em atrativos e destinos.

Empreender uma posição mais humanista não implica em refutar o corpo teórico voltado a operacionalização de uma atividade turística organizada e gerida com padrões de qualidade, mas contribuir no sentido de considerar a perspectiva humana destas relações.

No campo de conhecimento do turismo é comum encontrá-lo alinhado a outras ciências, teorias e áreas conhecimento, tais como geografia, economia, administração, direito, filosofia, sociologia, psicologia, antropologia, biologia, comunicação, arquitetura e urbanismo, teoria de sistemas, estatística, técnicas e métodos de planejamento, entre outras. A participação de várias áreas do conhecimento para tratar do turismo evidencia seu caráter multidisciplinar.

Na Geografia, segundo Castro (2006, p. 11), o interesse do geógrafo pelo turismo data de 1841, “pela força transformadora de turistas em movimento sobre territórios, numa integração com lugares, culturas e populações visitadas”. Esta área de estudo é conhecida como ‘geografia do turismo’ ou ‘abordagem geográfica do turismo’ e atualmente tem se dedicado a “processos de desenvolvimento, organização espacial, fluxos e efeitos geográficos do turismo, [...] modelos de análise espacial do fenômeno” (CASTRO, 2006, p. 11), entre outros assuntos que, segundo este autor, se propõe a oferecer subsídios às políticas de ordenamento, planejamento e gestão do turismo.

Recentemente o turismo também se tornou tema nas ciências sociais. Na sociologia e na antropologia, os primeiros trabalhos com tema no turismo surgiram na década de 1960 (BANDUCCI JR, 2001, p. 24) e na antropologia brasileira iniciam-se de forma mais sistemática a partir da década de 1990 (idem, p. 43).

Além do paradigma atual que permeia a teoria do turismo com base no enfoque sistêmico, que no Brasil tem seu expoente na obra *Análise Estrutural do Turismo* publicada em 1996, de Mário Carlos Beni (2000), existem outras abordagens, conforme identifica Alexandre Panosso Netto (2005) em seu livro ‘Filosofia e Turismo’: a visão holística-interdisciplinar (com base em Jafar Jafari), economista interdisciplinar (com base em John Tribe) e economista, bem como uma abordagem que apesar de sistêmica diferencia-se das demais por envolver o cotidiano humano de trabalho, moradia e lazer (com base em Jost Krippendorf).

Há que se destacar outros estudiosos brasileiros como Marutschka Moesch (2000), que defende a dialética para discutir um corpo teórico para o turismo, Luiz Gonzaga Godói Trigo (1998) que trata o turismo como um fenômeno da pós-modernidade e Mirian Rejowski (1999) com suas pesquisas que corroboram com a interdisciplinaridade.

Os estudos de Panosso Netto (2005) propõem a reflexão filosófica da fenomenologia para os estudos turísticos. Ao tratar o tema, revela que existem poucos trabalhos combinando aplicações práticas da abordagem fenomenológica ao turismo. O autor apresenta a fenomenologia como uma abordagem para o estudo do turismo, visto que é uma análise capaz de conduzir o ser humano como principal sujeito, e não o turismo apenas “como um *fato* gerador de renda, mas também como um *fenômeno* que envolve inúmeras facetas do existir humano” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 137-138).

O autor valoriza a importância da experiência vivida e a percepção do sujeito do turismo, pois “a fenomenologia vai trabalhar para compreender o viver de acordo com o percebido por quem faz parte deste viver” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 114).

Contribuições da fenomenologia para uma epistemologia do turismo são vislumbradas por Panosso Netto (2005, p. 142):

[...] não podemos nos empenhar pela criação de uma ciência exata do Turismo (Turismologia ou Teorologia) que tenha alto grau de confiabilidade. O que ocorre é que devemos trabalhar para alcançar e lançar as bases de uma teoria para a formação de uma ciência que procure entender os anseios do ser humano e os seus significados durante o fenômeno turístico em si, e acreditamos que a fenomenologia, como demonstrada, contribui para colimar esse objetivo.

De acordo com a posição fenomenológica de resgatar o ser humano como centro de análise (assim como ocorre na geografia humanista), Panosso Netto tem sua análise calcada no ser humano, centrado na experiência de viagem do turista.

Tendo o fator humano como centro de análise, observa-se que a abordagem no turista como sujeito é um dos enfoques possíveis. O outro enfoque, sobre o qual o presente artigo se baseia, se refere ao ser humano das comunidades receptoras de turismo, com ênfase para as sociedades mais tradicionais, já que os efeitos do turismo - econômicos, sociais, culturais, ambientais - recaem sobre elas, envolvendo principalmente seu ambiente de vivência.

Desta forma, as presentes reflexões se propõem a inverter o foco de análise do ‘local que deve servir ao turismo’ para ‘o local onde, antes de qualquer atividade turística, vivem pessoas’. Qual a relação destes moradores com o seu lugar de vivência? Como é o sentimento de pertença em relação a este espaço, quando passa a ter uma

atribuição turística? Qual a sua percepção sobre os visitantes desconhecidos que vêm, justamente, para desfrutar do seu espaço?

Para tal, a Geografia, ciência que estuda o espaço e conseqüentemente a sociedade que dele faz parte e o modifica, traz contribuições para o estudo do turismo considerado como uma atividade que intervém nesta complexidade espacial envolvendo homem-ambiente.

3 ASPECTOS SOBRE A TRAJETÓRIA EPISTEMOLÓGICA DA GEOGRAFIA

Para expor aspectos da geografia cultural, primeiramente é necessário entender como ela está situada no contexto da ciência geográfica. A seguir, apresenta-se um breve histórico da trajetória epistemológica da Geografia para posteriormente compreender sua vertente cultural contemporânea.

Claval (2002, p. 21) relata que em controvérsia às correntes naturalista e funcionalista, surgem concepções sobre elementos de análise da geografia, sendo uma delas a idéia de região com base em Armand Frémont, considerado como um espaço vivido que precisa ser captado na visão dos homens.

O autor ainda aponta que (p. 40), a partir de 1970 consolidam-se críticas às correntes naturalista e funcionalista que explicavam somente o que a observação revela da distribuição dos homens, das suas atividades, das suas obras como se fossem elementos que não pudessem ser questionados.

Na mesma obra, também discorre que o naturalismo e o funcionalismo não precisam ser ignorados para que haja uma evolução do pensamento da geografia, pois novos enfoques não excluem, necessariamente, as visões que os precederam.

Um fundamento limitador da geografia tradicional de até então foi seu aspecto positivista, o qual apesar de ter contribuído para dar unidade ao pensamento geográfico, restringiu sua base científica à observação de fenômenos, sem considerar a realidade do mundo dos sentidos.

Em meio ao movimento de crítica da década de 1970, surge a abordagem fenomenológica para a geografia, pois ao focar o fenômeno tal como se dá na sua

essência, não se está preso às ciências naturais e também não se toma como ponto de partida uma teoria do conhecimento⁴.

Além disto, a fenomenologia possui uma característica muito similar à atitude crítica, pois se defronta com o empirismo, opondo-se a todos os traços positivistas que predominavam no século XIX.

Em síntese, novas abordagens geográficas surgem após o rompimento paradigmático provocado pelo movimento chamado de Geografia Crítica, como os enfoques cultural, social, ambiental, pós-moderno, entre outros.

O enfoque cultural, destacado aqui, baseia-se em como as realidades são percebidas e sentidas pelos homens, nas palavras de Claval (2002, p. 40) o enfoque cultural “aparece, em compensação, fundamental para entender a ressurreição dos lugares, as transformações dos territórios e os problemas de identidades nas sociedades multiculturais de um mundo globalizado”.

Além da vertente cultural, não se pode ignorar os outros enfoques que também consideram a sociedade e suas complexas relações com o meio. Um exemplo é a leitura geográfica do ambiente apresentada por Francisco Mendonça (2002, p. 123) que no sentido de transcender a discussão dicotômica entre a geografia física e humana, procura integrá-las. Aceitando o desafio de inserir a perspectiva humana na abordagem ambiental, o autor (2002, p. 126) propõe a utilização do termo socioambiental, para enfatizar o necessário envolvimento da sociedade enquanto sujeito nas problemáticas ambientais, considerando a relação sociedade-natureza.

Ainda sob o enfoque ambiental, Suertegaray (2002, p. 111-114) salienta que na perspectiva geográfica atual é necessário pensar o Ambiente, retomando um pensamento conjuntivo que o considera por inteiro, envolvendo a compreensão das práticas sociais, ideologias e cultura com foco na relação homem-meio, que se expressa na concepção de espaço geográfico.

4 ASPECTOS SOBRE A GEOGRAFIA CULTURAL

A cultura vem sendo considerada desde os primeiros estudos geográficos, com ênfase na antropogeografia de Friedrich Ratzel⁵, a qual constituiu-se na base conceitual

⁴ O filósofo Edmund Husserl (1859 - 1938) apresenta a fenomenologia como ciência do conhecimento.

da Geografia Humana. O termo geografia cultural foi legitimado por autores da vertente alemã, sendo depois desenvolvido pelas vertentes francesas e norte-americanas (SAUER, 2000, p. 101, 102).

Apesar de enfoques diferenciados entre autores é unânime a ideia da cultura atrelada ao conjunto de formas e traços que o homem imprime na natureza, preocupando-se em identificar áreas onde vivem os homens, as causas de sua repartição e influência na natureza. Destacam-se os aspectos materiais da cultura, papel preponderante da paisagem, gênero de vida e foco nos utensílios e técnicas para dominar o meio. A estas características que predominam na geografia cultural até a década de 1970 é atribuída uma perspectiva positivista ou naturalista, com influência do darwinismo.

Uma renovação desta geografia cultural ocorre a partir da década de 1970, impulsionada por críticas relativas à adoção de um determinismo cultural e a uma visão de cultura como entidade acima do homem ou supraorgânica (COSGROVE⁶ e DUNCAN⁷ *apud* CORREA, 2001, p. 25-27). Enriquecida por novas abordagens (CLAVAL, 2001; 2002) esta nova geografia cultural abre-se para diversificados enfoques.

Um destes enfoques é o humanista de fundo fenomenológico que considera as subjetividades, a dimensão psicológica e mental da cultura e as percepções individuais, valorizando a experiência, a intuição, a imaginação e os sentimentos. Outro enfoque está ligado ao materialismo histórico e dialético (marxismo), o qual vê a cultura como um reflexo e condição social.

Dentre eles, cabe destacar a abordagem fenomenológica que se incorpora à geografia cultural, fundamentando o surgimento de uma Geografia Humanista. Esta última considera a visão de mundo das pessoas comuns em detrimento às concepções formais da ciência; valoriza o sentido de lugar (TUAN, 1980 e 1983) e a percepção que as pessoas comuns têm do seu ambiente de vivência, considerando a perspectiva da sua experiência como sujeitos da pesquisa e não como objetos.

⁵ A obra *Anthropogeographie*, de Ratzel, foi publicada em 1882.

⁶ COSGROVE, D. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. **Espaço e Cultura**, n. 5, 1998.

⁷ DUNCAN, J. The Reinvention of Cultural Geography by Prince and Lewis. Commentary. **Annals of the Association of American Geographers**, n. 83 (3), 1993.

Assim, o panorama humanista exige uma visão que transcenda a objetividade, em contraste às concepções positivistas, conforme a crítica de Mello (1991, p. 96) ao defender uma corrente humanista:

[...] que procura interpretar a multiplicidade dos acontecimentos do mundo vivido, trabalhando, para tanto, com valores e sentimentos dos seres humanos, justo o oposto das perspectivas positivistas que não pretendem ou tampouco conseguem explicar o mundo vivido, com suas leis e teorias mecanicistas, acabadas e abstratas.

Com viés na geografia cultural, encontram-se os estudos vinculados às Representações. Segundo Kozel Teixeira (2001), as representações incorporam além da linguística e comunicação, a cultura, os valores, os significados e a ideologia. Para a geografia o conceito se estrutura na fusão de várias correntes contemporâneas.

Dentre as abordagens culturais que vêm sendo desenvolvidas atualmente, foi possível traçar duas vertentes que se distinguem com uma certa clareza, todavia, não sendo excludentes entre si:

1. Humanista-Cultural: baseada em Bailly (1990, 1995); André (1990, 1998), as representações são conceituadas como processos de conhecimento do mundo. Relacionada à dimensão cognitiva, parte de princípios sobre percepção ambiental, investiga as representações que as pessoas possuem dos lugares tanto os de vivência cotidiana (moradia, trabalho, caminhos que percorrem) como dos lugares que não estão habituadas (por motivos diversos, inclusive o turismo). Com base em Kozel Teixeira (2001), esta vertente incorpora componentes mentais, que permitem compreender a relação das pessoas com a organização do espaço, imprimindo aspectos socioculturais. Neste sentido, também proporciona contribuições para a área didático-pedagógica em geografia, com destaque para a tese de Salete Kozel (KOZEL TEIXEIRA, 2001) que entende a representação como um tipo de linguagem, uma construção sónica, um produto social oriundo da comunicação.

2. Representações Sociais: com base na Teoria das Representações Sociais, de Moscovici (2003), constituem uma proposta que entende a reciprocidade entre as Ciências Psicológicas e as Ciências Sociais. O interesse da geografia ocorre na medida em que o homem imprime marcas no espaço, resultado das suas relações sociais, concebendo um espaço de representação. Segundo Sylvio Fausto Gil Filho (2006, p. 1) a “linguagem permite a transposição de um espaço de expressões para um espaço de

representações”. Por intermédio deste autor, as representações são conceituadas na dimensão operatória, como um modo de agir sobre o mundo e recebem aportes teóricos de Edward Soja, Henri Lefebvre, Ernst Cassirer, entre outros autores.

A pesquisa ora pretendida dirige-se para o enfoque Humanista-Cultural, de base fenomenológica, com viés nas representações.

5 CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA CULTURAL PARA O ESTUDO DO TURISMO

A partir do exposto sobre o aporte teórico da geografia cultural, propõe-se um recorte nos estudos de percepção de base humanista fenomenológica e seus desdobramentos. A interface com a fenomenologia também já foi identificada dentre o referencial teórico sobre turismo e é possível apontá-la como um elo entre os conteúdos de geografia e turismo abordados neste artigo.

A Geografia Humanista considera a visão de mundo das pessoas comuns em detrimento às concepções formais da ciência; valoriza o sentido de lugar (TUAN, 1980) e a percepção que as pessoas têm do seu ambiente de vivência, considerando as perspectivas das suas experiências como sujeitos de pesquisa e não como objetos.

Dentre as principais categorias de análise utilizadas nas pesquisas em geografia, como ‘espaço’, ‘território’, ‘região’, ‘paisagem’ e ‘lugar’, destaca-se para este estudo, a categoria ‘lugar’, que reflete a relação de intimidade estabelecida entre a pessoa e o espaço. Neste contexto, o conceito de lugar diferencia-se de espaço: “*espaço* é mais abstrato do que *lugar*. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6).

O conceito de lugar para a geografia transcende os aspectos físicos de um ambiente e é construído por meio do sentido que cada pessoa pode atribuir a ele. O lar é um exemplo típico de lugar, o qual está intimamente ligado àquilo que é conhecido e transmite segurança.

A esse respeito, vale uma menção ao matemático, filósofo e poeta Gaston Bachelard (1988) referente à sua obra ‘A Poética do Espaço’ (originalmente publicada em 1957), onde revela que todo espaço habitado traz a essência da noção de casa, por

isso, além da casa, o autor desenvolve à ideia da concha, do ninho, remetendo-se ao conceitos de proteção, de abrigo e de refúgio que estão presentes nestes espaços construídos pelo ser (1988, p. 23). Com base neste autor que aborda o forte vínculo entre a pessoa e a sua casa, é que Y-Fu Tuan (1980 e 1983) desenvolve seus estudos para o conceito de ‘lugar’ como categoria de estudo, revelando que há uma relação afetiva deste com o indivíduo, marcada pelas suas experiências pessoais ligadas a valores e ao modo como percebe o meio ambiente.

Em seu livro ‘Topofilia: um estudo da percepção e valores do meio ambiente’ (traduzido para o português em 1980, por Lívia de Oliveira), o sentimento de afeição aos lugares, Tuan reconhece como ‘topofilia’ (termo já utilizado por Bachelard) e, ao de rejeição, ‘topofobia’, ambos ligados a este modo do homem perceber o ambiente que o circunda.

Considerar esta perspectiva da percepção é respeitar as diferentes visões, tanto dos turistas como das populações locais sobre os ‘lugares’ que assumem tanto a função de moradia quanto de visitação, dependendo do sujeito. Assim, as reflexões levam a questionar como estes ‘lugares’ são vistos pelos sujeitos.

Observa-se que a maneira como o morador percebe seu lugar é diferente do modo como o turista o percebe como um visitante.

O visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente. [...] Em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção freqüentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente. O ponto de vista do visitante, por ser simples, é facilmente enunciado. A confrontação com a novidade, também pode levá-lo a manifestar-se. Por outro lado, a atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com dificuldade e indiretamente através do comportamento, da tradição local, conhecimento e mito (TUAN, 1980, p. 72).

O turista, em uma atitude de descoberta e provável deslumbramento, conhece o lugar de forma superficial quando comparado ao da relação do morador com este mesmo espaço, que é seu lar, seu meio de sustento, e pode obter na atividade turística uma fonte de renda e/ou um vetor de profundas transformações no seu modo de vida e ambiente.

O que é trabalho para o agricultor, muitas vezes pode significar apenas alimentos saborosos para o turista. O que é uma bela paisagem para o visitante de fora, pode representar um lugar de moradia sem nenhuma novidade para o habitante local.

Assim, as experiências são diferentes e permanentemente filtradas pela cultura que influencia nos valores e no modo como as pessoas percebem o ambiente. A cultura dos visitantes interfere no modo como interpretam os ambientes visitados, o que pode ser aplicado, por exemplo, ao caráter urbano dos turistas que visitam espaços rurais permeados por uma cultura tradicional e interiorana.

Apesar da cultura ser um fator diferencial no processo de percepção, nem sempre o turista chega a apreender os aspectos culturais do local visitado, pois se restringem ao que os sentidos proporcionam de forma imediata. Tanto o entusiasmo do visitante, bem como sua postura crítica, podem ser superficiais. É a visão de um estranho, que julga pela aparência, por algum critério formal de beleza (TUAN, 1980, p. 107).

O envolvimento superficial do turista é preocupante na medida em que não valoriza o fator humano que organiza e é 'dono' do local visitado, causando um certo desrespeito aos moradores locais, entre outros impactos negativos possíveis de serem provocados.

Neste sentido, propõe-se considerar a experiência de mundo vivido tanto dos moradores locais como dos visitantes, procurando respeitar aspectos sócio-culturais dos sujeitos envolvidos neste processo. Buttimer (1982, p. 172) explica que o mundo vivido não é:

[...] um mero mundo de fatos e negócios [...] mas um mundo de valores, de bens, um mundo prático. Está ancorado num passado e direcionado para um futuro; é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singularmente pessoal.

Esta perspectiva fornece uma amostra de como a Geografia Cultural pode contribuir para o estudo do turismo no sentido de valorizar a percepção das pessoas em relação ao seu lugar e como entendem a inserção do turismo neste.

A geografia cultural, que perpassa a corrente humanista fenomenológica merece ser pesquisada para fins de aplicação em estudos sobre o turismo, principalmente ligados à percepção das pessoas em relação aos ambientes em que moram ou visitam.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por considerar os valores e sentimentos dos seres humanos, atendo-se para o mundo vivido das pessoas, a corrente humanista da geografia cultural pode contribuir para o estudo do turismo, colaborando com uma perspectiva humana para o tratamento deste fenômeno que envolve pessoas e lugares.

Tais contribuições apontam para a importância de se compreender a visão de mundo dos sujeitos envolvidos, buscando a percepção da comunidade sobre o seu espaço de vivência que se reorganiza e se ressignifica em função do turismo.

Visualiza-se este cenário, perpassando o olhar de Tuan, autor que descortina a relação das pessoas com os 'lugares', seja por laços de afeição, topofilia, ou por sentimentos de aversão, topofobia.

Desta forma, a problemática cultural do turismo também pode ser lida sob a ótica da geografia cultural, na perspectiva que valoriza as ações humanas, o sentimento e a percepção de mundo das pessoas como sujeitos que interferem nos seus lugares de vida e de visitação.

Assim exposto, aponta-se a importância de continuidade desta pesquisa a partir da análise de dissertações e teses de programas de pós-graduação brasileiros relacionadas ao tema, buscando identificar os seus referenciais teóricos, os principais problemas de pesquisa, metodologias utilizadas e resultados alcançados com a intenção de investigar o estado da arte das pesquisas sobre as transformações do turismo nas comunidades locais.

Pretende-se posteriormente, indicar princípios, categorias de análise e procedimentos metodológicos que possam orientar futuras pesquisas sobre a relação do turismo com a problemática cultural na sua interface com as populações locais.

7 REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Y. *et al.* **Modèles graphiques et représentations spatiales**. Paris: Anthropos, 1990.

ANDRÉ, Y. Les représentations: métaphore de la connaissance. In : _____. **Enseigner les représentations spatiales**. Ed. Anthropos-Economica, 1998. p. 31-44.

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BAHL, M. **Legados étnicos e oferta turística**. Curitiba, Protexoto, 2004.
- BAILLY, A. Géographie régionale et representation. In: BAILLY, A. **Géographie regionale et representation**. Paris: Anthropos, 1995. p. 25-34.
- BAILLY, A. L' Humanisme en géographie: réflexions et principes. In: BAILLY, A.; SCARIATI, R. **L' Humanisme en Géographie**. Ed. Economica, 1990.
- BANDUCCI JÚNIOR. Turismo e Antropologia no Brasil: estudo preliminar. In: _____; BARRETTO, M. (orgs.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas, SP: Papyrus, 2001 (Coleção Turismo). p. 21-47.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 3.ed. rev. e ampl., São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru/SP: EDUSC, 2002.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo: Roteiros do Brasil – Roteirização Turística (Módulo Operacional 7)**. Brasília, 2005.
- BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. **As perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-193.
- CASTRO, N. A. R. **O lugar do turismo na ciência geográfica: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa**. (tese de doutorado, FFLCH/SP), São Paulo, 2006.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.
- _____. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.) **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002.
- CORRÊA, R. L. Carl Sauer e a Escola de Berkeley: uma apreciação. In: CORRÊA, R.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001, p. 9-30.
- DENCKER, A. F. M. **Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas**. 9. ed. rev. ampl. São Paulo: Futura, 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL FILHO, S. F. Anais do I Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações, UFPR, 2006.
- KOZEL TEIXEIRA, S. **Imagens e linguagens do Geográfico: Curitiba a “Capital ecológica”**. São Paulo: FFLCH-USP, 2001 (tese de doutorado).

MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

MELLO, J. B. F. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, FIBGE, v. 52, n. 4, p. 91-116, 1990:91.

MENDONÇA, F. Geografia Sócioambiental. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.) **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia e Turismo**. São Paulo: Aleph, 2005.

REJOWSKI, M. Turismo como disciplina no pensamento internacional. In: _____. **Turismo e Pesquisa Científica**. 3. ed. São Paulo: Papyrus, 1999.

SAUER, C. O. Geografia Cultural. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural**: um século (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

SUERTEGARAY, D. Geografia física (?) geografia ambiental (?) ou geografia e ambiente (?). In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.) **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002.

TRIGO, L. G. G. **A sociedade Pós-industrial e o profissional em turismo**. São Paulo: Papyrus, 1998.

TUAN, Y. F. **Topofilia**. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. **Espaço e Lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.